

CAMPO DÊITICO DA MEMÓRIA: O QUADRO DA TEMPORALIDADE MEMORY DEICTIC FIELD: TEMPORALITY FRAMEWORK

Geralda de Oliveira Santos Lima¹⁵
Caio César Costa Santos¹⁶

Resumo: O presente texto revela as implicações dos índices de subjetividade das expressões dêiticas e a translocação dessas mesmas formas linguísticas no campo da memória. O quadro da temporalidade, inato ao pensamento, é contestado a partir da hipótese de que há uma translocação espaço-temporal no próprio eu-aqui-agora da enunciação, segundo postula Benveniste (1989). Esse processo de translocação das categorias dêiticas ou indexicais permite-nos enquadrar o fenômeno da dêixis nas relações espaço-temporais do campo da memória. A partir desta visão, entendemos que as relações indiciais do *Zeigfield*, campo dêitico de coordenadas espaço-temporais, estão ora no presente imediato, ora no passado contraído. Apontamos para o fato de que a percepção do campo dêitico não comporta apenas a experiência espacial com o objeto-referente, ao contrário, as relações dêiticas estão impregnadas de imagens bifaciais refletidas no cristal do tempo.

Palavras-chave: Campo dêitico; Temporalidade; Memória; Eu-aqui-agora.

Abstract: The text present reveal implications subjectivity index deictic expressions and translocation these same linguistic forms in memory field. The temporality framework, innate in the thought, is contested through hypothesis that there is an translocation space-temporal in own I-here-now enunciation, according to postulates Benveniste (1989). This process deictic categories translocation or indexical allow us to frame deixis phenomenon in space-temporal relations memory field. From this vision, understand that indexical relations *Zeigfield*, deictic field space-temporal coordinates, are ell in immediate present, well contracted past. Point to the fact that the perception deictic field no comprehend only spacial experience with object-referent, unlike, deictic relations are impregnated images reflected in time crystal.

Keywords: Deictic field. Temporality. Memory. I-here-now.

Introdução

Benveniste (1989), em um de seus últimos artigos sobre *a linguagem e a experiência humana*, supôs uma translocação espaço-temporal da enunciação. Esse processo de transcendência das expressões linguísticas faz incorporar, ao estatuto da enunciação, uma série de questões em torno das relações espaço-temporais do fenômeno da dêixis, especialmente, com referência ao campo tripartite de todo enunciado: o *eu-aqui-agora*. Percebemos que são as expressões indiciais, engajadas ao fluxo de consciência do sujeito da enunciação, que movimentam o campo dêitico *simultaneamente*. Esse ponto de vista não foi visto ou esboçado no estatuto da enunciação. Apontamos para o fato de que o próprio campo dêitico de coordenadas espaço-temporais condensa, instantaneamente, eventos locais e projetados. Através desse processo de translocação, os índices temporais de deiticidade são questionados aqui não apenas como enfoque cronológico de eventos, mas também como dissipação das relações espaço-temporais do presente linguístico da enunciação.

Na emergência do quadro da temporalidade, a progressão referencial é comprometida, afinal, os índices temporais são naturalmente adversos, contrários e entrecortados. Podemos afirmar que o sujeito consciente, por uma abordagem filosófica, toma seu corpo como parte da linguagem (incorporação) e do pensamento (representação). Esse posicionamento suscita a hipótese geral deste trabalho de que o campo dêitico é expandido para abrigar as coordenadas perceptuais do pensamento ou da memória. Nesta condição, as relações espaço-temporais do fenômeno dêitico só é possível graças à existência de um único *eu-aqui-agora*. As noções de

¹⁵ Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: geraldalima.ufs@gmail.com.

¹⁶ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: caio-costa@live.com.

campo e *dêixis* são aqui desconstruídas a fim de interrogar acerca da expansão das coordenadas espaço-temporais do contexto.

Um dos problemas é que o *Zeigfeld* (campo demonstrativo) proposto por *Bühler* (1967) não esclarece bem sobre esse suposto processo de expansão do campo dêitico. A emergência desta expansão recai justamente no problema de conceber, como estatuto enunciativo, as relações espaço-temporais do pensamento indicial. Conforme aponta Bergson (2007), a referência aos dados imediatos da situação é vista como diâmetro espaço-temporal alargado, expandido, difundido. Neste limiar, as remissões contextuais da memória demonstrativa estão também cristalizadas na dimensão *aqui-agora*. Entendemos que, no próprio campo dêitico da memória, tanto o nível local, como o nível projetado de orientação e monitoramento das expressões linguísticas sofre ocorrências neste próprio campo de coordenadas. Isso ocorre devido à expansão da instância da imagem-presente segundo Gilles Deleuze.

Neste texto, discutimos o fenômeno da *dêixis* por meio de contribuições filosóficas quanto à questão do quadro da temporalidade. Apontamos para o fato de que a percepção do campo dêitico não comporta apenas a experiência espacial com o objeto-referente, pois as próprias incursões dêiticas estão impregnadas de lembranças-imagens que fundam, durante a progressão referencial, uma espécie de percepção coalescente. A reflexão deste artigo está contida na ideia do que Bergson, em *Matéria e Memória*, descreve no capítulo introdutório: as qualidades secundárias da matéria têm tanta realidade quanto às qualidades primárias. Isso quer dizer que os índices de subjetividade, no campo da memória, apontam para duas dimensões: corpo e espírito. As relações, entre ambos, são diferenciadas, mas não estanques. É importante ter em mente que, nas relações contextuais do campo dêitico da memória, há a formação de uma imagem bifacial: atual e virtual. Essa visão dual do corpo e da memória nas relações espaço-temporais será discutida aqui.

2 *Bühler* e Benveniste: quais similaridades?

Segundo *Bühler* (1967), ao reunirmos as variantes da capacidade de orientação espacial, delimitamos o mito da origem dêitica da linguagem representativa. Quando o sujeito enuncia *aqui está frio*, é imprescindível o momento da origem do significante o qual determina intuitivamente o lugar (p. 147). O problema da teoria buhleriana é que as relações dêiticas são restringidas à dimensão física do mundo. Na ausência dos gestos dos dedos, signos como *eu* e *aqui* não passam de estruturas linguísticas vazias e neutras. O corpo é condição *sine qua non* à orientação espaço-temporal adequada. Essa proposta consiste no tratamento da linguagem como instrumento inato à espécie humana e dotado de propriedades corporais peculiares, assim como os comportamentos sensório-motor e perceptivo.

La teoría de los dos campos afirma que el mostrar y presentar intuitivo en varios modos pertenece a la esencia del lenguaje natural exactamente igual que la abstracción y la aprehensión conceptual del mundo, y no está más lejos de aquella (BUHLER, 1967, p. 20)¹⁷.

Partindo desta reflexão, os campos mostrativo e simbólico devem contornar o processo de indexicalidade, o qual concerne as coordenadas espaço-temporais do campo dêitico. É interessante ressaltar que toda manifestação corporal só pode ser definida *intuitivamente*. O estudo dêitico advém da interpolação de eixos concêntricos delimitados por paradigmas associados ao centro genitivo: o *eu*. A expressão corporal indica, portanto, que as funções

¹⁷ A teoria dos dois campos [mostrativo e simbólico] afirma que o mostrar e o apresentar intuitivo em vários modos pertencem à essência da linguagem natural exatamente semelhante à abstração e à apreensão conceptual do mundo e não está longe disso.

simbólicas funcionam como estruturas autorreguladoras de movimentos progressivos e remissivos. *Bühler (1967) define o sistema dêitico em dois campos, respectivamente; o Zeigfeld (campo demonstrativo) que diz respeito ao presente experiencial da produção de enunciados (Aqui-Agora-Eu) e o Symbolfeld (campo simbólico) o qual é composto por signos, ideias, imagens e representações. Este último define os indexicais como símbolos-índices. Vale lembrar que Bühler indica também um terceiro campo –o demonstrativo contextual – o qual, segundo ele, não é necessário caracterizá-lo como novo termo, mas que deve ser tomado como substituto do campo demonstrativo único (Zeigfeld), pois, o ambiente físico do qual o sujeito da enunciação se apropria, é constantemente reatualizado.*

Essa posição mostra como as relações espaço-temporais do fenômeno dêitico são caracterizadas pela emergência do *Aqui-Agora-Eu* em cada instância comunicativa. O campo dêitico é o único fator de direção real entre participantes, seja esta relação física ou mental. Neste limite, é possível incluir duas possibilidades de realização do fenômeno da percepção: a amostragem das coisas e a demonstração dessas coisas no ambiente situacional. Hanks (2008) define o *Zeigfeld* como único centro e ponto de referência inerentemente situado (p. 211). Segundo essa posição, o curso do campo dêitico aponta para a situação imediata, na medida em que organiza a presença e o acesso emergente ao cenário ilustrado. Esse campo mostrativo é definido por *Bühler* a partir de um estatuto fenomenológico e depende largamente da postura natural dos participantes da interação.

Esses traços de diretividade existem em todas as expressões dêiticas independente da natureza física ou mental de seus índices. É importante destacar que, se o campo mostrativo é o ponto de referência central, então, as funções psicológicas superiores (atenção, antecipação, memória, percepção) podem ser percebidas no interior do mesmo campo dêitico e não somente com relação à espacialidade do objeto visado. *Bühler (1967, p.198) ainda subdivide o sistema dêitico em deixis ad oculos para referência a objetos da instância do presente e deixis an phantasma para remissões contextuais que abrangem o campo do imaginário.*

As coordenadas espaço-temporais do próprio campo dêitico demonstram, aos enunciadore, muitas formas de materializar as lembranças do passado que não deixam de ser, elas mesmas, índices de subjetividade. As remissões, executadas por pronomes demonstrativos, apontam para os dois eixos de condicionamento dêitico: o corpo e a memória. As reflexões do linguista *Bühler* sobre a estruturação e o condicionamento da dêixis tem maior referência até o surgimento do conceito de enunciação, tão caro a Benveniste. Uma das maiores contribuições de *Bühler* é a proposta de inclusão da gestualidade do falante, das pistas dêiticas físicas e mentais encrustadas às disposições de atenção e memória no campo dêitico. *Esse fato reforça a hipótese da expansão do campo de coordenadas espaço-temporais, o qual, segundo Hanks (2008, p. 226), “deve ser entendido relativamente a todas as suas dimensões e não somente em relação ao espaço, como a teoria buhleriana explícita”.*

O problema da dêixis pode ser tratado por vários canais de significação intermediados por fatores que apontam ora para o corpo (relação sensorio-motora), ora para o fenômeno da memória (relação sensível). *Bühler (1967) descreve esse campo dêitico dimensionado pela relação das pessoas com o contexto imediato de interação. Mas, é Benveniste (1989, p. 44) que, em seu célebre artigo Semiotologia da língua, afirma que “o homem inteiro é um signo, seu pensamento é um signo, sua emoção é um signo”. Essa relevante citação abre a possibilidade de construção de complexas questões em torno dos índices de subjetividade cujo pensamento indicial (relações espaço-temporais já experienciadas) é refletido no cristal do tempo e, deste modo, é visto como inerente e circunscrito ao sujeito consciente. Se os pensamentos também são signos, então, por que não classificá-los também como indiciais?*

Quando saio de ‘mim’ para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um ‘tu’ que é, fora de mim, a única ‘pessoa imaginável’. [...] a unicidade e subjetividade inerentes a ‘eu’ contradizem a possibilidade de uma

pluralização. [...] só há ‘nós’ a partir de ‘eu’ e esse ‘eu’ sujeita o elemento ‘não-eu’ pela sua qualidade transcendente. A presença do ‘eu’ é constitutiva de ‘nós’ (BENVENISTE, 1989 p. 255-256).

Assim como lembrado por *Bühler*, o *eu* contempla o centro dêitico operante representado pelo Ego, por isso surge o termo cunhado por Jespersen como *partículas egocêntricas*. A emergência dos índices de *pessoa* não se constitui senão na e pela enunciação. De natureza semelhante à estruturação da pessoalidade pelo corpo enunciativo, os *índices de ostensão* (este, aquele, aqui, agora) implicam também gestos no sistema perceptual os quais designam indicadores espaço-temporais. Além das três pessoas do discurso *eu, tu e ele*, as categorias que explicitam o lugar e o momento da enunciação também são denominadas *indivíduos linguísticos* por Benveniste. São, portanto, esses índices ostensivos da memória demonstrativa os responsáveis pela contiguidade temporal dos objetos-referentes. Na tentativa de inserir o homem na língua, Benveniste (1989) supõe que a temporalidade é um quadro inato ao pensamento e que a linha de participação é uma referência ao presente, como pode ser visto na citação seguinte:

Esse ‘presente’, por sua vez, tem como referência temporal um dado *linguístico*: a coincidência do acontecimento descrito com a instância do discurso que o descreve. O *Dictionnaire Générale* define o presente como ‘o tempo do verbo que exprime o tempo em que se está’. Devemos tomar cuidado: não há outro critério nem outra expressão para indicar ‘o tempo em que se está’ senão torná-lo como ‘o tempo em que se fala’. Esse é o momento eternamente ‘presente’ (BENVENISTE, 1989, p. 289).

Por essa visão, entendemos que, na materialidade do *presente*, a percepção é coalescente à motivação contextual das relações dêiticas da memória. Isso quer dizer que o fenômeno da percepção aponta para o cenário ilustrado ou a ideia imaginante em curso. A faculdade do pensamento é anterior à faculdade da linguagem? Pensamos para existir ou existimos para pensar a linguagem? O campo dêitico concerne o momento da enunciação, o ponto axial sob a intersecção passado-presente. Neste limite, imprime-se na consciência humana, a sensação de um *contínuo* que se inicia no presente do próprio enunciador e se expande, via referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais. É neste ponto imaginário que se é perceptível a emergência do fenômeno dêitico no campo da memória. As relações dêiticas provêm do presente imediato, por isso, são denominadas como expressões linguísticas porque abarcam o tempo linguístico.

Aqui e agora delimitam a instancia espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*. Essa série não se limita a aqui e agora; é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: *hoje, ontem, amanhã, em três dias*, etc. (BENVENISTE, 1989, p. 279)

No interior desta reflexão, o linguista e também filósofo da linguagem alerta para o fato de que a língua é o único sistema em que o ato de significação aponta para duas dimensões no mesmo campo de coordenadas. As categorias linguísticas são naturalmente deslizantes, instantâneas e intercambiáveis. Assim, toda expressão linguística transcende ao sistema linguístico a partir deste processo sugerido por Benveniste como *uma translocação espaço-temporal*. É sabido que a enunciação é caracterizada como um processo instável de projeção e progresso de referentes. Há, deste modo, reatualizações em torno do próprio fenômeno: a língua. O uso de *aqui, agora, naquele instante* pode transcender o tempo físico ou imediato, que é o curso referencial do presente linguístico. Os pronomes da língua (pessoais, possessivos, adverbiais, demonstrativos) são matérias e só têm existência na

realidade no interior da qual o processo de enunciação se efetiva. Até então, as categorias são propriamente vazias, neutras e descontextualizadas. O contexto da enunciação define quais categorias estão presentes e quais estão ausentes ao campo de percepção das coordenadas espaço-temporais ou dêiticas. Poderíamos nos questionar em que atualidade se inscreve o processo enunciativo no campo dêitico da memória?

Cervoni (1989) tem o ponto de vista de que a temporalidade é entrecortada e, por isso, retrospectiva. Para ele,

o que é essencial no valor do ‘presente’ é sua realidade cinética; a imagem que fornece de um acontecimento é essencialmente a de uma orientação prospectiva e/ou retrospectiva. [...] nossa representação do tempo, por mais abstrata que seja, por mais destacada que seja da experiência que dele temos, não pode ser totalmente independente dessa experiência (CERVONI, 1989, p. 35-36).

A partir desta posição, o quadro da temporalidade é uma forma de construção cinética em verticalidade e não na horizontalidade do fluxo de coordenadas dêiticas. A partir do campo dêitico perceptivo, é possível captar determinado episódio em realização enunciativa, mas, em parte realizado. Essa pode ser a realidade ontológica das expressões dêiticas no campo da memória: são expressões linguísticas que se movimentam instantaneamente. Nesta condição de enunciação bipartida, vemos, de instante em instante, as imagens da situação passada se diluírem no próprio curso linear do presente. Vale ressaltar que, embora a temporalidade seja vista aqui por esse viés, a imagem e pessoa do *eu*, primeira pessoa do discurso, será sempre o centro dêitico para focalização o qual condiciona o processo de orientação na representação das relações temporais e espaciais. Cervoni (1989, p. 39) reafirma: o que importa é a imagem da sequela no presente da enunciação e não a de sua inserção no tempo cronológico. Cabe-nos não considerar apenas a sincronia da língua ou da própria temporalidade sincrônica, mas também o afrouxamento das relações contextuais no próprio campo de relações dêiticas. Outra passagem de Benveniste nos chama a atenção:

se narro o que ‘me aconteceu’, o passado ao qual me refiro não é definido senão em relação ao presente de meu ato de fala, mas como o ato de fala parte de mim e ninguém pode falar por minha boca, da mesma forma que não pode ver por meus olhos ou experimentar o que eu sinto, é unicamente a mim que este ‘tempo’ se relaciona e é unicamente à minha experiência que ele se restringe (BENVENISTE, 1989, p. 77) .

A partir destas objeções, o quadro da temporalidade é inteiramente descrito como linguístico, uma vez que têm relações com a experiência consciente ou subjetiva. A memória do sujeito consciente diz respeito à orientação intensional, a partir da qual, é perceptível a emergência de índices de demonstração e suas remissões ao campo dêitico da memória. Não podemos reexperienciar as imagens de nossa infância, nem o ontem, nem os milésimos de segundos de um instante que acaba de passar na tríade *eu-aqui-agora* se esse campo de coordenadas espaço-temporais não permite, ele propriamente, uma extensão da própria referência. Fica clara essa ilusão de imanência das relações espaço-temporais do sistema linguístico na passagem a seguir:

o que caracteriza as séries de designações como ordem intersubjetiva, como se vê, é que *uma translocação espacial e temporal* torna-se necessária para objetivar os signos tais como ‘este’, ‘eu’, ‘agora’, que têm a cada vez um referente único na instância de discurso e somente ele. Esta transferência faz aparecer *a diferença de planos entre os quais deslizam as mesmas formas linguísticas* (BENVENISTE, 1989, p. 79, grifo nosso).

A hipótese da diferença de planos enquadra o problema das relações temporais do pensamento enquanto massa significante. Benveniste afirma que os indicadores de tempo como *ontem* e *hoje* podem emergir de diferentes relações contextuais. Neste ponto, o fenômeno do contexto é sensível ao processo de representação das recordações passadas. Esse fenômeno, característico do quadro da temporalidade, diz respeito à diferença de planos entre os quais deslizam os modos de dizer e os modos de pensar, ambos próprios da realização enunciativa. As remissões e as retenções de índices ostensivos como *este-esse-aquele* podem revelar uma instância exterior, secundária e omissa, mas, ao mesmo tempo, interior ao presente linguístico. Um ponto de vista semelhante é visto na citação a seguir:

Estamos lidando não com um presente cronológico, mas com um ‘presente mental’: o presente linguístico, com as características cinéticas que são suas, é transposto no passado ou no futuro: a forma verbal está aí para traduzir um processo de representação mental de uma realidade extralinguística que só tem existência no pensamento (VASSANT *apud* CERVONI, 1989, p. 303-304).

Na visão de Benveniste, é inconcebível a ocorrência de expressões dêiticas no tempo *aoristo*, termo empregado ao passado simples. Segundo esta posição, as ocorrências de caráter remissivo governam indícios do fenômeno dêítico simplesmente porque, no relato escrito de acontecimentos passados, por exemplo, o pronome *ele* é mais usual do que o próprio *eu* (ele como entidade concreta). Neste caso, no escrito historiográfico, segundo Benveniste, a primeira pessoa tem relação com a terceira pessoa. Isso quer dizer que as personagens ou as imagens históricas construídas ao longo da enunciação demarcam características únicas, mas que já foram cristalizadas. Para Benveniste, o passado simples é um quadro de temporalidade que pertence apenas ao discurso da história e não ao discurso da língua. Desta forma, percebemos que o *eu*, identificado em uma certa situação prévia da enunciação, não possui uma identidade ou papel social de historiador; segundo Benveniste; é uma pessoa que jamais poderá enunciar *eu*, nem *tu*, nem contemplar a instância do *aqui- agora*. Em *Problemas de Linguística Geral*, encontramos o *eu* consciente de suas intenções, emoções e papéis sociais – o *eu* respaldado pelo substrato da linguagem – a subjetividade.

Por essa particularidade, vemos a condição operante e transcendente da pessoa do *eu*, embora representada pelas próprias marcas desse mesmo *eu*. O imediatismo do evento subjetivo responde pelas manifestações actanciais embreadas a partir da origem dêítica. No entanto, os atos que são rememorados, na visão de Benveniste, não correspondem aos índices totais de deiticidade, porque o próprio *aoristo*, situação prévia da experiência espacial, condensa outras situações prévias. Porém, o que de fato ocorre é uma dupla articulação de relações temporais: o fenômeno da contiguidade. Os condicionamentos de uma relação dêítica são perceptíveis segundo o eixo sintagmático por conta da verticalidade das relações temporais do *aoristo*. Partindo de uma temporalidade estendida, o curso da enunciação pode ser descrito como linear e não-linear, ou seja, direto e indireto. Todas as relações de percepção estão sujeitas à superposição de índices de ostensão que, impregnados às categorias linguísticas, apontam ora para o corpo, ora para o pensamento.

O tempo do enunciado é a parte de expressão do pensamento. A indexicalidade, inerente ao pensamento, é projetada através de um *segundo ato intermediário* que diz respeito às recordações conscientes. Neste limite, as ocorrências dêiticas só têm real sentido no fluxo do pensamento já que cada curso referencial aponta para *duas dimensões* no próprio curso da textualidade. Vale lembrar um ponto de vista importante: a língua é sistematicamente o texto. Em outras palavras, o campo dêítico diz respeito ao sistema linguístico tal qual as relações têm valores e identidades que se divergem no caráter remissivo das categorias linguísticas. O sentido, assim, das expressões dêiticas, só têm significação nas relações que incitem o fenômeno do contexto. Os indivíduos linguísticos, *eu*, *aqui*, *agora* e a ostensão de suas

partículas, são propriamente estados conscientes cujo ato enunciativo é construído a partir do reflexo de imagens que superpõe às outras. Conforme apontam essas descrições e, levando em consideração a inexistência de um sincronismo puro no curso temporal, o *agora*, demonstração do quadro da temporalidade, pode ser caracterizado como constructo de múltiplas camadas de discurso.

Segundo Hanks (2008, p. 219, grifo nosso), o cenário e os objetos-referentes “estão *fisicamente* copresentes e perceptíveis”. Essa afirmação requer que os interactantes partilhem o mesmo campo de relações espaço-temporais numa continuidade referencial linear do plano sensorio-motor. Mas, concernente às formações contextuais do campo dêitico da memória, que é propriamente incorporado, as partículas egocêntricas estão revestidas de indícios. Se os objetos-referentes são considerados como copresentes, o acesso através das *sensações* é projetado indiretamente, ou melhor, de modo intermediário. Concernente ao quadro da temporalidade nas relações dêiticas, temos o seguinte: não há *situação X* que não esteja enquadrada nas relações dêiticas do *cenário Y*, nem há *situação X* que seja exterior à situação animadamente contextual do cenário *Y*. É perceptível que, no *Zeigfeld*, não há especulações acerca das tomadas de consciência porque o acesso aos objetos *in absentia* é limitado à dimensão física do mundo, como apontado por *Bühler*. Mas, por outro lado, a deiticidade é motora e emergente.

3 Quando corpos são memórias: relações espaço-temporais em Deleuze

A partir das questões sobre o campo dêitico da memória, podemos engajar a essas discussões, abordagens filosóficas que vejam o quadro da temporalidade potencialmente estendido, cujo ponto de intersecção está na relação corpo-representação. O problema do tempo linguístico, descrito por Benveniste, surge aqui segundo a concepção de temporalidade refletida no cristal do tempo cujas relações entrecortadas formam a tessitura do curso do tempo diacrônico. Esta reflexão advém da análise das imagens cinematográficas por Gilles Deleuze cujas imagens-movimento definem uma ilusão de finitude das relações de tempo. Deleuze vê o quadro da temporalidade circunscrito à experiência consciente. Ou seja, a descrição da imagem-tempo refletida no cristal do tempo advém dos estados de consciência. A arte do cinema representa, para os espectadores, o tempo entrecortado, cinético, diluído e defasante. As imagens cinematográficas não revelam unicamente a instância presente, como também uma *lembrança-imagem*. Assim, surge o conceito de contiguidade temporal.

Por essa visão, podemos encontrar o quadro da temporalidade como um todo aberto, o qual é, por natureza, eterna coexistência. Não é somente o tempo linguístico como sucessão de partes no todo, mas a temporalidade concebida no interior de uma simultaneidade dêitica. Nesta relação, as partes das relações temporais estão entrecortadas, por isso as relações são intermediárias. O tempo é concebido como desmensurado, dissimétrico e não-reconciliado. Trata-se, pois, de perceber o passar do tempo na imagem-presente cuja unidade é indivisível:

é preciso, portanto, que a imagem seja presente e passada, ainda presente e já passada, a um só tempo, ao mesmo tempo. Se não fosse já passada ao mesmo tempo que é presente, jamais o presente passaria. O passado não sucede ao presente que ele não é mais, ele coexiste com o presente que foi. O presente é a imagem atual, e seu passado contemporâneo é a *imagem virtual*, a imagem especular (DELEUZE, 2007, p. 99).

Conforme aponta Deleuze, convertendo o tempo, a face transparente, vemos a imagem virtual pelo cristal do tempo. As imagens virtuais são projetadas a partir de indícios de uma dada situação prévia como um *flash-back* ou recordação. Podemos dizer, embora contrapondo a Benveniste, que as pontas do presente linguístico são também deslizantes e intercambiáveis, resultando o fluxo dual da consciência. O fenômeno da temporalidade em Deleuze pertence a

um *ambiente estilhaçado* no interior do qual, em determinado evento episódico, as pontas do presente encontram-se constantemente desatualizadas. No entanto, é através da diluição dessas mesmas pontas estilhaçadas que a dinâmica do passado pode ser mais perceptível. Neste prisma, fica claro como as relações espaço-temporais ou dêiticas apontam a cada instante, incessantemente, tornando possível uma pluralidade de significantes. Para Bergson, o processo de recordação está contido nas relações entre *lembrança pura*, *percepção* e *lembrança-imagem*, esses três termos são representados pelos segmentos consecutivos A-B, B-C, C-D.

O fenômeno da percepção não comporta apenas o mero contato espacial com o objeto presente, atualidade do processo. O campo proprioceptivo de coordenadas dêiticas é constituído por lembranças projetadas pelo *eu*, sendo as imagens representadas no sistema linguístico, revestidas neste mesmo campo (virtualidade do processo). Com esse ato, o presente imediato toma forma no passado *sui generis* e, posteriormente, numa região específica da lembrança pura (a memória episódica). A lembrança pura é o abismo da memória, *lá* estão alojadas todas as lembranças de uma consciência. A lembrança pura diz respeito cognitivamente à memória semântica e as imagens-lembranças às memórias episódicas. Essa reflexão está incidida na ideia de que uma lembrança, à medida que é atualizada, tende a viver numa imagem nascente, coalescente e emergente. Ao se tomar a existência de *imagem*, o passado deixa o estado de lembrança pura e se confunde com certa parte do presente imediato. A memória, pois, encontra-se em constante estado de atualização.

Deste modo, podemos nos questionar se o tempo do enunciado pode ser também o tempo do pensamento já que o fenômeno da memória é matéria composta de imagens. Ou seja, o momento em que falo está e não está distante do *eu*, assim, as relações temporais do aoristo são naturalmente indiretas. A instância presente engloba, ao mesmo tempo, um passado imediato ligado à percepção e que se prolonga na ação, no ato enunciativo. Esse afrouxamento do campo dêitico (*aqui-agora*) define o paradoxo do índice de deiticidade. Vale ressaltar que tomamos como central a questão apresentada por Benveniste de que a gênese da enunciação está no presente linguístico, mas, como explicar a emergência de ideias imaginantes no contexto imediato da enunciação? De fato, como afirma Bergson (2006, p. 162): “meu presente consiste na consciência que tenho de meu corpo, estendido no espaço, meu corpo experimenta sensações e, ao mesmo tempo, executa movimentos”. Se o cristal de tempo é expressão, o campo dêitico da memória tem movimento através da imagem atual e virtual, constituinte do processo de recordação. Os dêiticos, enquanto símbolos-índices, só tem real sentido a partir da sensação de um objeto na emergência de um episódio de outrora. A característica fundamental da memória é que ela pode ser definida como o movimento remissivo da alma, cujos movimentos das expressões linguísticas, contém potência afetiva.

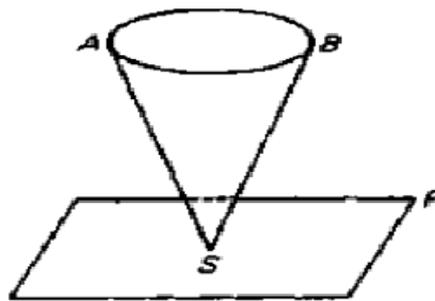
Por essa ótica, a instância presente é a própria materialidade de nossa existência, ação real e de eficácia imediata. Instância essa que não cessa de recomençar para recordar. Digamos que o presente se delimita como um corte *sensivelmente* instantâneo cuja percepção é definida em vias de escoamento das lembranças cristalizadas. Com efeito, as imagens-presentes em nossa percepção não são a totalidade da matéria – a matéria – seja ela primária ou secundária. Neste caso, vemos que as relações dêiticas, elas próprias, comportam uma extensão e uma intensão, pois as próprias expressões do campo proprioceptivo emanam imagens virtuais ou, na expressão de Deleuze, especulares. Esse estado do fenômeno dêitico na memória descreve o quanto esse campo de relações espaço-temporais é expandido para abrigar as coordenadas perceptuais do pensamento. Em torno desta reflexão, Pelbart (2010, p. 15) argumenta o seguinte:

a função vidente do olho faz com que o objeto percebido se amplie em circuitos cada vez mais vastos, entrando em relação com ‘lembrança-imagem’ que ele suscita, correspondendo a planos cada vez mais profundos da realidade. Assim, o atual entra em relação com o virtual.

O visionário ou vidente é quem vê no cristal e o que ele vê é o curso do tempo como desdobramento, cisão ou ruptura. Logo, o rastreamento referencial através do globo ocular não se restringe ao espaço físico meramente. Esse reflexo contém a *imagem bifacial*, que é, segundo Deleuze, o cristal de tempo. O cristal é a expressão, um circuito ou metáfora com o intuito de abranger a duplicidade da matéria (a imagem atual e a imagem virtual). Os registros episódicos da imagem cinematográfica, por exemplo, descrevem também essa extensão do campo situacional de relações dêiticas o qual é visto como força de dispersão dos próprios elementos dêiticos – *quando eu estou aqui, não estou mais*. O cinema serve a Deleuze para revelar essa outra face do tempo deslizante, multidimensional, que é dobra defasante. O cristal de tempo, portanto, não cessa de trocar as duas imagens distintas que o constituem: a imagem atual do presente que passa e a da porção prévia que se conserva e se prolonga em imagens análogas à percepção imediata. O campo dêítico da memória comporta essa parte imediata do passado porque a própria percepção (corpo dêítico) é já memória (pensamento indicial). O hábito constante de nós humanos rejeitarmos o quadro da temporalidade como coexistente está na orientação de nosso cotidiano regulado por uma cronologia muito simétrica.

A metáfora do cone invertido, elaborada por Bergson (2006, p. 178), representa o todo do passado e as sequelas das lembranças-imagens na percepção imediata:

Gráfico 01:



Conforme postula Bergson, o cone *SAB* congrega todas as lembranças acumuladas na memória. Na base imóvel *AB*, concentram-se as lembranças puras, como também são desenhados os sutis episódios rememorados, enquanto o vértice *S* representa o presente imediato, corpo dêítico de coordenadas, dividindo espaço com o plano móvel *P* que é caracterizado como a representação virtual do ambiente. Segundo Bergson, nossa vida psicológica oscila entre essas duas extremidades (*A-B* e *S/ S e A-B*). De um lado, o estado sensório-motor do presente imediato, os índices do *aqui-agora* antes do contato com o plano móvel *P*, do outro, a memória subjetiva mais a totalidade do passado (*A-B*) cuja ação presente é a parcela de si mesma na extremidade virtual do vértice *S*.

O quadro da temporalidade, para Deleuze, é o próprio sujeito porque, ele mesmo, é uma fissura, dobra defasante, interstício de relações. Os índices de subjetividade implicam, pois, uma expansão do presente imediato cujo campo estendido concerne as tensões das partículas egocêntricas. Na literatura dos dêiticos, o tratamento dado aos índices de ostensão ou de demonstração como *esse* e *aquele* está circunscrito apenas à condição de proximidade física entre estados de consciência. Nos termos de Recanati (2001, 2013), as operações dêiticas devem ser caracterizadas como *pensamentos indiciais*. O elemento dêítico, característico do processo de demonstração, é significativo dual porque quando a relação contextual do corpo com o campo se desestabiliza, o corpo próprio reenquadra-se em outro

plano de percepção, o da *demonstrative memory*¹⁸. Por este ponto, podemos supor que um mesmo corpo dêitico aponte, em forma de âncoras, para outros ambientes discursivos no mesmo fluxo temporal.

Considerações finais

Com a possibilidade de contestar o quadro da temporalidade do campo dêitico da memória, podemos definir as relações espaço-temporais como extensionais por conta da dilatação da imagem-presente pelo cristal do tempo, esboçado por Deleuze, como também por conta do fenômeno da memória cuja representação da ação é proveniente de estados conscientes, cristalizados em experiências ordinárias de outrora. No auge da Linguística, Benveniste insere o sujeito na língua, mas esse próprio *eu*, compreende a temporalidade intensional, não vista ou esboçada na caracterização do presente linguístico. O corpo dêitico é, então, imagem atual e virtual porque o campo de coordenadas espaço-temporais é constantemente projetado a múltiplas dimensões do campo. A metáfora de Deleuze sobre as várias faces e formas do fenômeno da temporalidade a partir da arte do cinema enquadra o sujeito da linguagem como interstício da dinâmica mágica e coalescente do tempo.

Segundo as reflexões apresentadas aqui, esse *campo* tende a dissipar e condensar imagens *coalescentes* alojadas na instância do presente imediato (curso temporal linguístico). Esse estado de coalescência das coordenadas perceptuais da memória no corpo da temporalidade provoca a abertura de múltiplas dimensões discursivas. O objetivo de tentar discutir as relações espaço-temporais sob as óticas de Benveniste e Bergson foi com o objetivo de articular o fenômeno da dêixis, enquanto relações espaço-temporais, a uma concepção de temporalidade potencialmente estendida, na qual e através da qual, a noção de campo dêitico é desconstruída.

Tomamos como norte o processo de translocação espaço-temporal, apontado por Benveniste, porque conferimos que este ponto de vista está contido na defesa de que é perceptível a ampliação do campo dêitico de coordenadas já que entendemos que esse fenômeno de translocação diz respeito ao deslizamento das mesmas formas linguísticas como *este*, *esse*, *aquela* e do próprio *eu-aqui-agora*. Nesta perspectiva, todos esses indivíduos linguísticos implicam um gesto no sistema perceptual o qual, ao mesmo tempo, *transloca* a instância de discurso desse sistema de coordenadas perceptuais. Por isso, apontamos para o fato de que a temporalidade é uma condição inata ao pensamento e não apenas ao fenômeno linguístico. Se o próprio campo dêitico abarca um diâmetro temporal bem amplo, a referência dêitica deve possivelmente incorporar outras instâncias de discurso imediatas e indiretas.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BUHLER, K. *Teoria del lenguaje*. Tradução de Julián Marías. Madrid: Revista de Occidente, 1967. Tradução de: Sprachtheorie. Jena. Gustav Fischer, 1934.
- CERVONI, J. *A enunciação*. Tradução de L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.

¹⁸ When we are no longer in a position to perceive the object or to focus our attention on it, we can no longer think of it under the demonstrative mode of presentation which depends upon the existence of a suitable demonstrative relation. As I have just pointed out, I can no longer think of a place as here if I no longer occupy that place. And I cannot think demonstratively of an object which I can no longer perceive (RECANATI, 2013, p. 4).

DELEUZE, G. *A imagem-tempo*. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. et al.* Tradução de Anna Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008..

PELBART, P. P. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RECANATI, F. Are 'here' and 'now' indexicais? In: *Texte*, v.127, p. 115-127, 2001.

_____. Concepts perceptual: in defence of the model indexical In: *Synthese* v.1, p.1-18, 2013.